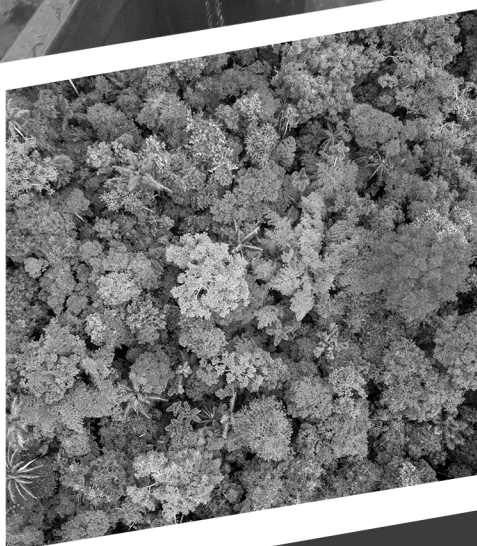




Biodiversidade Brasileira: Aspectos do Estado Atual 2

**Magnólia de Araújo Campos
Daniele Jovem-Azevêdo
(Organizadoras)**



Biodiversidade Brasileira: Aspectos do Estado Atual 2

**Magnólia de Araújo Campos
Daniele Jovem-Azevêdo
(Organizadoras)**

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
B615	<p>Biodiversidade brasileira [recurso eletrônico] : aspectos do estado atual 2 / Organizadoras Magnólia de Araújo Campos, Daniele Jovem-Azevêdo. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Biodiversidade Brasileira. Aspectos do Estado Atual; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-862-5 DOI 10.22533/at.ed.625192612</p> <p>1. Biodiversidade – Conservação – Brasil. 2. Desenvolvimento sustentável. 3. Meio ambiente – Preservação. I. Campos, Magnólia de Araújo. II. Jovem-Azevêdo, Daniele. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 363.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O conceito de biodiversidade está intimamente associado com a variedade genética capaz de diferenciar os indivíduos e suas respectivas populações. Portanto, a diversidade biológica é resultado do longo processo da história evolutiva, que permite a seleção do conjunto de espécies em um dado local. E, esse conjunto de espécies que compõe os ecossistemas fornece serviços fundamentais a existência da humanidade.

No entanto, a extensa exploração antrópica promove diversas alterações na dinâmica dos ecossistemas, o que culmina, em muitos casos, na perda da biodiversidade local e conseqüentemente dos serviços ecossistêmicos. Isso nos impõe um grande desafio na atualidade: frear as pressões que oferecem riscos à biodiversidade global. Para tanto, conhecer essa biodiversidade presente em diferentes escalas (local, regional, global) pode representar o primeiro passo para proposição de medidas que visam a conservação, isto porque, esse mesmo conhecimento possibilita a construção de mapas de distribuição das espécies ao longo de gradientes ambientais, bem como a identificação daquelas que estão sob risco de extinção.

Atualmente, há 34 áreas no mundo classificadas como *Biodiversity Hotspots*, correspondendo a áreas ricas em espécies endêmicas (aquelas que só ocorrem ali). Particularmente, o Brasil apresenta dois ecossistemas que incluem *Hotspots* (Floresta Atlântica e Cerrado) e ainda estima-se que nosso país possua cerca de 20% de toda a biodiversidade mundial, dados que nos colocam diante de uma problemática: temos estratégias potenciais para caracterização, conservação e manejo sustentável dessa biodiversidade?

A obra “**Biodiversidade Brasileira: Aspectos do Estado Atual 2**” foi elaborada a partir da coletânea de trabalhos científicos, desenvolvidos por pesquisadores de diferentes instituições, e vislumbra contribuir para o aprofundamento do conhecimento acerca da biodiversidade brasileira sob diferentes aspectos. O *e-Book* contempla 6 capítulos, entre os quais encontramos discussões acerca da ocorrência e dinâmica de espécies em ecossistemas diversificados, como: marinhos, amazônicos e de cerrado. Além desses, um dos trabalhos aborda o emprego de ferramentas digitais na educação ambiental, com enfoque na conservação da biodiversidade.

Desta forma, o presente volume é dedicado a discussão da biodiversidade brasileira e representa uma ferramenta de ampliação do conhecimento, sendo voltada a todos aqueles que tenham interesse em conhecer mais sobre a temática, sejam em instituições públicas ou privadas, pesquisadores ou acadêmicos de todos os níveis (graduação e pós-graduação).

Desejamos que aqueles que buscam conhecer mais das riquezas biológicas de nosso país, encontrem nessa obra uma alternativa de conhecimento.

Magnólia de Araújo Campos
Daniele Jovem-Azevêdo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DAS OPORTUNIDADES RECREATIVAS DO PARQUE NACIONAL DA AMAZÔNIA E COMUNIDADES DO ENTORNO	
Eryka da Silva Ferreira Jeisiane de Sousa Galvão Nara Natiere Rocha Fernando Vitória de Oliveira Barros Marco José Mendonça de Souza Eliana da Silva Coêlho Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.6251926121	
CAPÍTULO 2	12
AS MÍDIAS SOCIAIS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ENFOQUE NA BIODIVERSIDADE	
Bianca Rossi Duque Wilson Soares de Magalhães Sávio Freire Bruno	
DOI 10.22533/at.ed.6251926122	
CAPÍTULO 3	19
DINÂMICA DA <i>COPAIFERA LANGSDORFFII</i> EM DOIS FRAGMENTOS DE CERRADÃO EM MINAS GERAIS	
Luciane Naimeke Schmidt Anny Francielly Ataíde Gonçalves Ximena Mendes de Oliveira Lorena Oliveira Barbosa Alexandre Molino Fogli Mateus Niroh Inoue Sanquetta Thiza Falqueto Altoé Kalill José Viana da Páscoa José Roberto Soares Scolforo	
DOI 10.22533/at.ed.6251926123	
CAPÍTULO 4	32
LEVANTAMENTO E ANÁLISE ENTOMOFAUNÍSTICA EM UM FRAGMENTO DE FLORESTA NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA, PA, BRASIL	
Sandi dos Santos Ferreira Natalia Ferreira Rodrigues Victor Nonato Rodrigues Farias José Francisco da Silva Costa Paulo Alexandre Panarra Ferreira Gomes das Neves Lanalice Rodrigues Ferreira Klebson Daniel Sodrê do Rosário Ivanete Cardoso Palheta	
DOI 10.22533/at.ed.6251926124	

CAPÍTULO 5	43
OCORRÊNCIA DE ESPÉCIES EXÓTICAS MARINHAS NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA – PR	
Kelly Cottens	
Cassiana Metri	
Rafael Metri	
Pablo Damian	
DOI 10.22533/at.ed.6251926125	
CAPÍTULO 6	52
REMANESCENTES DE CERRADO NO PARQUE NACIONAL DOS CAMPOS GERAIS – PR	
Lia Maris Orth Ritter Antikeira	
Rosemeri Segecin Moro	
DOI 10.22533/at.ed.6251926126	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	59
ÍNDICE REMISSIVO	60

AS MÍDIAS SOCIAIS AUDIOVISUAIS COMO FERRAMENTAS NÃO FORMAIS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL COM ENFOQUE NA BIODIVERSIDADE

Bianca Rossi Duque

Universidade Federal Fluminense - UFF
Niterói - Rio de Janeiro

Wilson Soares de Magalhães

Universidade Federal Fluminense - UFF
Niterói - Rio de Janeiro

Sávio Freire Bruno

Universidade Federal Fluminense - UFF
Niterói - Rio de Janeiro

de pesquisas científicas para além do meio acadêmico, utilizando-se das mídias sociais na rede *internet*.

PALAVRAS-CHAVE: Biodiversidade;
Produção audiovisual; Conservação Ambiental;
Divulgação Científica;

AUDIOVISUAL SOCIAL MEDIA AS NON-FORMAL TOOLS OF ENVIRONMENTAL EDUCATION WITH A FOCUS ON BIODIVERSITY

RESUMO: O presente artigo discorre sobre um projeto de extensão que tem o intuito da divulgação científica por meio da produção de audiovisuais e sua transmissão nas mídias sociais, consideradas ferramentas não formais. Dessa forma, há a produção de material para uma conscientização da importância da preservação da biodiversidade da fauna brasileira visando atingir o público geral. A divulgação científica através do audiovisual, nos gêneros drama, documentário ou animação, tem se mostrado uma forma eficiente de difusão da pesquisa científica. O discurso audiovisual envolve emocionalmente o espectador possibilitando a valorização de locais, de vidas individuais e da biodiversidade. O projeto Fauna Brasil procura transpassar os muros da universidade, propagando o conhecimento da fauna brasileira, sempre utilizando imagens de animais de vida livre e projetando o conhecimento vindo

ABSTRACT: This article discusses an extension project aimed at the scientific dissemination through audiovisual production and social media broadcast, which are considered non-formal tools. In this way, there is the production of material for an awareness of the importance of preserving the biodiversity of the Brazilian fauna in order to reach a general public. Scientific dissemination through audiovisual, in the drama, documentary or animation genres, has been shown to be an efficient way of scientific diffusion. The audiovisual speech emotionally engages the viewer enabling the valorization of places, individual lives and biodiversity. The Fauna Brazil project seeks to cross the university walls, spreading the knowledge of the Brazilian fauna, always using images of free-living animals and projecting the knowledge from scientific research beyond the academic environment, using social media on the *internet*

network.

KEYWORDS: Biodiversity; Audiovisual production; Environmental Conservation; Scientific Divulcation;

1 | INTRODUÇÃO

Uma das funções da divulgação científica é a de fazer o conhecimento chegar ao público leigo, aumentando a consciência da população sobre o mundo em que vive. No caso dos problemas relacionados à ação humana sobre o meio ambiente, existe a necessidade de que a população esteja consciente dos problemas que ela causa e que pode evitar. A questão ambiental teve ênfase posteriormente a Segunda Guerra Mundial, embora os prejuízos causados pela ação humana no planeta sejam muito antigos.

De acordo com Ziman (1984) o princípio fundamental da ciência é que os resultados das pesquisas devem ser públicos, independente do que o cientista pensa individualmente, suas descobertas não podem ser resguardadas como conhecimento até que tenham sido compartilhadas com a sociedade e publicadas. Sendo assim os sistemas de comunicação são instituições fundamentais na relação da ciência com a sociedade. Portanto, a divulgação científica também tem por princípio proporcionar a compreensão do processo científico e, para além, uma inclusão social que por sua vez possibilita a abrangência da população geral. Com isso melhora-se a qualidade de vida dos cidadãos, por serem dotados de conhecimentos, meios e mecanismos para a capacitação de participação política (MOREIRA, 2006).

A educação ambiental, pode ser compreendida como “[...] utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações ao público leigo” (BUENO, 2009). Ela é, prioritariamente, voltada ao não iniciado, ou seja, àquele que não tem, obrigatoriamente, formação técnico-científica que lhe permita, sem maior esforço, decodificar um jargão técnico ou compreender conceitos que respaldam o processo singular de circulação de informações especializadas. A cobertura da Ciência, Tecnologia e Informação (CT&I) pelos meios de comunicação de massa reforça esta perspectiva, porque contempla o avanço das mesmas em momentos singulares, anunciado, muitas vezes com sensacionalismo, resultados de pesquisa e descobertas de grande impacto. Essa está tipificada por um panorama bem diverso: o público leigo, em geral, não é alfabetizado cientificamente e, portanto, vê como ruído - o que compromete drasticamente o processo de compreensão da CT&I - qualquer termo técnico ou mesmo se enreda em conceitos que implicam alguma complexidade. Da mesma forma, sente dificuldade para acompanhar determinados temas ou assuntos, simplesmente porque eles não se situam em seu mundo particular e, por isso, não consegue estabelecer sua relação com a realidade específica em que se insere; portanto, a popularização da ciência ou divulgação científica (termo mais

frequentemente utilizado na literatura) pode ser definida como “o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral” (BUENO, 2010).

De acordo com Couto (2010), em uma investigação qualitativa, notou-se entre os jovens estudantes, que a internet e os documentários científicos divulgados na TV, em especial dos canais *Discovery*, são as principais fontes de informação. Durante muito tempo e até o século XVII, os conhecimentos científicos foram patrimônio de uma elite intelectual, porém, posteriormente com o surgimento das democracias, surgiram razões político-sociais para a disseminação desses conhecimentos e a Ciência começou a interessar a muitos. Diante disso, por conta da precariedade do ensino formal em ciências, somada à diminuta parcela do tempo de vida que um cidadão dedica à sua formação através de instituições oficiais de ensino, sobretudo no Brasil, percebe-se a urgência para que haja políticas e estratégias pedagógicas que efetivamente contribuam para a educação pública em ciências por meio de experiências fora do ambiente escolar. Na sociedade atual, a informação, o conhecimento e a comunicação interativa têm se destacado fortemente. A internet e suas ferramentas eletrônicas são canais potencializadores para a popularização de informações científicas e tecnológicas nas redes digitais; segundo Mendonça (1982), não cabe à divulgação científica apenas levar a informação, mas também atuar de modo a produzir as condições de formação crítica do cidadão em relação à ciência.

A biodiversidade do Brasil é de extrema abundância, sendo de acordo com o Ministério do Meio Ambiente, mais de 20% do número total de espécies do planeta, muitas delas endêmicas do país. Dessa forma, é de extrema importância que tal biodiversidade seja preservada e, para tal, é necessário que haja uma maior conscientização da população num geral, afinal, assim como dito por Fonseca (2004), o papel do jornalismo ambiental não é repetir o já sabido com discursos generalistas numa militância panfletária, mas sim contribuir com a difusão das informações pertinentes para que assim a sociedade possa reconhecer os problemas em suas complexidades. Com isso, a necessidade de projetos que possam difundir a ideia de preservação da biodiversidade cresce cada vez mais, procurando contextualizar e atingir o público, à exemplo, do presente projeto.

2 | DESENVOLVIMENTO COM FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Imersa na Revolução Russa e no materialismo histórico, a teoria do dialogismo não considera a significação como dada, mas criada no processo de complexas relações dialógicas entre linguagem e sociedade. Nessa abordagem, o texto é objeto linguístico-discursivo, social e histórico; e a palavra não é uma unidade neutra: “cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela viveu sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2003). Belmonte (2004), em seu artigo “Menos catástrofes e mais ecojornalismo”, demonstra a

necessidade de cobertura de informações ambientais de qualidade e defende o debate público sobre a questão ambiental, e não apenas enfoques superficiais, baseados em sensacionalismo, terrorismo, colocando o meio ambiente na audiência do espetáculo, e não da educação, assim a problemática ambiental, de fato, ganhou notoriedade e relevância social por meio da mídia, que rapidamente difundiu temas como: mudança climática, aquecimento global, biodiversidade, ambientalismo, sustentabilidade, cidadania ambiental. Especificamente no Brasil, o jornalista Vilas Boas (2004) afirma que, com a Eco-92, criou-se a necessidade de se formarem jornalistas ambientalistas, aptos à discorrerem, com habilidade, conhecimento e visão sistêmica, sobre as temáticas que envolvem a causa ambiental; e de se fortalecer o chamado “jornalismo ambiental”, que reconhece a contribuição informativa e formativa da mídia em prol de um novo projeto de civilização.

Os meios de comunicação de massa são responsáveis por oportunidades de ampliação e aperfeiçoamento da alfabetização da comunidade, sendo exemplos a educação não formal, como exposições e museus interativos de ciência e tecnologia, que também proporcionam a cultura científica. Martinez (1997) publicou que a popularização da ciência e tecnologia tem por fundamento quatro pilares: educação formal, os meios de comunicação massiva, os programas multimídias e os centros interativos de ciência. Dessa forma, a relação entre a educação científica e a popularização da ciência se dá pela educação ao longa da vida, tanto na educação formal quanto na não formal.

O projeto Fauna Brasil - UFF tem como intuito projetar uma linha de comunicação direta, ao unir os pesquisadores aos produtores de mídia com a sociedade, sem que haja a necessidade de repasse das informações produzidas para mediadores (jornalistas), uma vez que essa mediação muitas vezes desvirtua a mensagem e a informação real por trás dessas produções. Dessa maneira, o projeto visa inserir esse conhecimento de acordo com o contexto social, se adaptando à linguagem e ao cotidiano, como forma de facilitar a compreensão e a conscientização dos objetivos visados ao unir tais profissionais, uma vez que os dois trabalham em conjunto durante todo o processo.

É de grande relevância salientar que todo o desenvolvimento do projeto consiste na utilização de imagens do animal *in situ*, buscando, dessa forma, levar ao espectador a importância da preservação de um ambiente natural à vida dele. E visando, assim, manter uma biodiversidade da riquíssima fauna brasileira, trazendo animais que não são comumente citados fora do meio acadêmico, muitas vezes por não serem tão “simpáticos” à população no geral, com o intuito de aproximá-los do indivíduo leigo através da sensibilização.

A utilização da produção de vídeos também é de importante para os discentes que os produzem, como dito por Nogueira; Gonçalves (2014) “o aluno, ao produzir vídeos, percorre um caminho pedagógico dinâmico que o insere no patamar de aluno pesquisador, o qual vai aprender a partir do que sabe”, ou seja, a própria confecção

de um vídeo ajuda o aluno a aprender e associar melhor tal aprendizado, visto que o mesmo deve fazer uma pesquisa e levantamento bibliográfico sobre o assunto que será difundido, além de promover a divulgação para o público geral.

3 | METODOLOGIA

A metodologia do projeto consiste basicamente no registro audiovisual *in situ* das espécies nativas da fauna brasileira por meio de filmadoras e câmeras fotográficas. Tais registros são provenientes de saídas a campo, como por exemplo, a Serra da Canastra – MG. Busca-se registrar sempre o habitat natural, preservado ou degradado, de cada espécie. O material será trabalhado primeiramente para a feitura de uma crônica escrita, que servirá de argumento para a execução do roteiro. Posteriormente o material será decupado – cada plano é classificado – e editado. O produto final é geralmente um documentário de curta (até 15 min,) ou média metragem (até 1h – Medida provisória 2228 de 2001). A edição, gravação de narração e finalização são feitas no Laboratório do Setor de Animais Selvagens, na Faculdade de Veterinária da Universidade Federal Fluminense.

A divulgação ocorre por meio das mídias sociais não formais como o *Vimeo*, *Youtube*, *Facebook*, *Instagram* e um *site* próprio, ainda em construção, visando atingir um grande público.

As edições são feitas no próprio laboratório através do programa *Adobe Premiere Pro CS6* por Eduardo de Mattos Sánchez e Wilson Soares de Magalhães, formados em Cinema e que, igualmente orientam e supervisionam os alunos na feitura dos roteiros e nas edições. As imagens, em sua maioria, filmadas pelo professor Dr. Sávio Freire Bruno, e também por membros discentes que compõem o projeto e que assim, aprendem a editar e a filmar, ao curso do semestre.

Um exemplo é a série “Quem sou eu?” produzida pelo projeto Fauna Brasil - UFF, e que teve início em 2018. Essa consiste na produção de vídeos curtos, com uma duração máxima de 1 minuto apresentando animais da fauna brasileira em vida livre. A narração dos vídeos é em primeira pessoa, como se os bichos falassem. Dessa forma, informações importantes são passadas de maneira agradável, como em uma conversa. Um pequeno exercício de alteridade que aumenta a empatia do espectador e busca incentivar a preservação das espécies e do meio ambiente onde elas vivem.

4 | RESULTADO COM DISCUSSÃO

Para a série “Quem sou eu?” utilizasse vídeos curtos a fim de atingir a população contemporânea que possui um cotidiano corrido. Sendo assim, os vídeos de curta duração propiciam ao espectador a visualização em meio ao dia a dia, visto que, a maior parte da população não possui mais o tempo para assistir a um vídeo que possua mais de 5 minutos. Verifica-se também a necessidade de um planejamento no

dia para se assistir a qualquer documentário de média ou longa duração.

As mídias sociais utilizadas para difundir o material audiovisual do Fauna Brasil – UFF, como o *Instagram* e o *Facebook*, demonstraram desempenho desde sua criação em 2016. Os vídeos no Instagram alcançaram em torno de 200 visualizações cada, e no Facebook chegaram a atingir cerca de 3.400 visualizações, alguns chegando até mesmo à 20.000 visualizações, e em torno de 100 compartilhamentos. Além disso, projetos como “Ameaçados - Formigueiro-do-litoral”, “Fauna da Canastra - Capivara”, “Manejo integrado do fogo”, “Plumas e Notas”, “Pato-Mergulhão” e “Atropelamento de Fauna” possuem uma média de 10.000 visualizações e cerca de 200 curtidas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na realização desse artigo notamos que ainda são escassos os referenciais teóricos e bibliográficas sobre a utilização de mídias sociais não formais para a difusão de conhecimento científico, havendo somente uma vasta quantidade de artigos referentes à difusão científica, principalmente a utilização de filmes e documentários, citando o auxílio da *internet* para divulgação, mas não o uso das mídias sociais.

Para além, foi observado que a divulgação chegou a um considerável número de indivíduos, tanto do meio acadêmico científico quanto da comunidade fora da universidade. Acreditamos que isso ocorre devido à não utilização em demasia de termos técnicos, à utilização de imagens de vida livre e também à intenção de divulgar animais não comumente descritos, uma vez que a mídia dominante (TVs aberta e por assinatura e redes de cinema) divulga principalmente filmes sobre animais não nativos do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica: Informação científica para cidadania**. Ciência da Informação, [S.l.], v. 25, n. 3, dec. 1996. ISSN 1518-8353.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 4. Ed. 2003.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Biodiversidade brasileira**. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira.html>>. Acesso em 02 de set. de 2018

BELMONTE, R. V. **Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo**. In: VILAS BOAS, S. V. (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004. p. 15-48.

BUENO, W. da C. B. **Jornalismo científico: revisitando o conceito**. In: VICTOR, C.; CALDAS, G.; BORTOLIERO, S. (Org.). **Jornalismo científico e desenvolvimento sustentável**. São Paulo: All Print, 2009. p.157-78.

BUENO, W. **Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais**. Informação & Informação, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1-12, 2010.

COUTO, H. H. O. de M. **Juventude e Divulgação Científica: um estudo de recepção audiovisual**

na Internet. Trabalho Final do curso Estudos de Recepção Audiovisual na Pesquisa em Educação em Ciências e Saúde. PPG/UFRJ, RJ, 2010.

FONSECA, A. A. **Água de uma fonte só: a magnitude do problema em uma experiência concreta.** In: VILAS BOAS, S. V. (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004. p. 111-148.

MARTINEZ, E. **La pirâmide de la popularización de la ciência y la tecnologia.** In: **La educación científica, um aprendizaje accesible a todos.** Boletín 44. 1997.

MENDONÇA, H. **Divulgação Científica e Educação,** 1982.

MOREIRA, I. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil.** Inclusão Social. Brasília. v. 1, n. 2, p. 11-16. 2006.

NOGUEIRA, F. M.; GONÇALVES, C. B. **Divulgação Científica: produção de vídeos como estratégia pedagógica para aprendizagem da ciência.** ARETÉ, v. 7, p. 93-107, 2014.

VILAS BOAS, S. (Org.). **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos.** São Paulo: Summus, 2004.

SULAIMAN, S. N. **Educação ambiental, sustentabilidade e ciência: o papel da mídia na difusão de conhecimentos científicos.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 17, n. 3, p. 645-662, 2011.

ZIMAN, J. **Communication.** In: **An Introduction to Science Studies: The Philosophical and Social Aspects of Science and Technology.** Cambridge: Cambridge University Press. 1984.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia 1, 2, 5, 6, 7, 9, 10, 30, 32, 33, 40

APA 43, 44, 46, 47

B

Biodiversidade 2, 3, 5, 6, 10, 12, 14, 15, 17, 19, 20, 32, 34, 40, 42, 43, 44, 49, 50, 52, 57, 58, 59

C

Conservação Ambiental 12

Copaíba 20, 21, 30, 31

D

Diversidade 3, 20, 29, 31, 33, 36, 38, 39, 40, 41, 53

Divulgação Científica 12, 13, 14, 17, 18

E

Ecótono 52, 53

Entomofauna 32, 33, 35, 40

Espécies bentônicas 43, 46

Espécies planctônicas 43, 46

Estação ecológica 28, 30, 43

F

Fitossociologia 20, 30

L

Lazer 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10

M

Manejo de floresta nativa 20

P

Plenckia populnea 52, 55, 56, 57

PNCG 52, 53, 56, 57

Produção audiovisual 12

R

Recreação 1, 3, 4

Reissek 52, 54, 55, 57

U

Unidade de Conservação 1, 4, 5, 9, 10, 53, 58

V

Visitação pública 1, 4

 **Atena**
Editora

2 0 2 0